

O ESTRUTURISMO DINÂMICO DE XAVIER ZUBIRI E O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

Resumo: O estruturismo dinâmico de Zubiri é um tipo de emergentismo que possibilita o distanciamento tanto dos dualismos quanto dos materialismos fisicalistas e reducionistas frente ao problema mente-corpo. Possibilita fugir da concepção fechada, determinista, materialista do mundo. O ponto de partida é a concepção de dinamicidade da realidade presente em *Sobre la esencia*, *Estructura dinámica de la realidad* e *Sobre el hombre*. Foi o progresso dinâmico da realidade a gerar a aparição evolutiva, em saltos qualitativos, de estruturas de complexidade crescente, com qualidade e propriedades novas. O salto qualitativo possibilitador do humano é percebido em três níveis: o filogenético, o ontogenético e o psicológico. Como resultado desta dinâmica evolutiva, temos o ser humano como uma estrutura unitária psicoorgânica. Assim, Zubiri entende a psique humana não como uma realidade substantiva diferente da substância corpórea, mas como a estrutura do somático.

Palabras-chave: Filosofia da mente, Emergentismo, Estruturismo dinâmico, Consciência, Xavier Zubiri.

THE XAVIER ZUBIRI'S DYNAMIC STRUCTURISM AND THE PROBLEM OF CONSCIOUSNESS

Abstract: The Zubiri's dynamic structurism is a type of emergentism that makes possible the distancing from the dualisms as well as from the physicalist and reductionist materialisms towards the mind-body problem. It makes possible to escape from the close, determinist, materialistic world conception. The starting point is the conception of dynamicity of reality present in *Sobre la esencia*, *Estructura dinámica de la realidad* and *Sobre el hombre*. It was the dynamic progress of reality that generated, in qualitative leaps, the evolutive appearance of structures of increasing complexity, with new quality and properties. The qualitative leap that enables the human is perceived at three levels: the phylogenetical, the ontogenetical and the psychological. As result of this evolutive dynamics, we have the human being as a psycho-organic unitary structure. Thus, Zubiri perceives the human psyche not as a substantive reality different from the corporal substance, but as the structure of the soma.

Key words: Philosophy of mind, Emergentism, Dynamic structurism, Consciousness, Xavier Zubiri.

1. INTRODUÇÃO

A teoria do *estruturismo dinâmico* de Xavier Zubiri pode ser colocada entre os chamados emergentismos, embora o termo “emergentismo” não seja totalmente adequado porque as palavras “emergir” e “emergentismo” fazem referência a uma realidade já constituída (neste caso, a mente autoconsciente) que sobe à superfície e não é isto o que a concepção zubiriana quer afirmar.

Zubiri emprega o termo “brotar” em alguns de seus escritos para designar o processo de surgimento da mente autoconsciente, mas tal verbo também carece da mesma deficiência semântica que “emergir”. Talvez o termo mais adequado fosse mesmo “constituir-se”, pois o fenômeno designado faz referência a algo que se constitui *ex novo*, aquilo que denominamos mente ou psique autoconsciente. Deveríamos, então, talvez falar de *constitucionismo* em lugar de emergentismo. No entanto, para manter a terminologia empregada pelo pensador basco, falaremos de *estruturismo dinâmico*, expressão cunhada para designar a sua visão da realidade da matéria, seja considerando-a como um todo, seja considerando-a como realidade humana psico-orgânica (corpo-mente).

Situado entre o dualismo e o monismo materialista, o emergentismo é uma escola promissora, embora se encontre numa fase iniciante, razão pela qual devemos desenvolver o *estruturismo dinâmico* de Zubiri.

Zubiri expressou sua postura em vários escritos, contudo vamos restringir nossa base bibliográfica de referência a *Sobre la esencia*, *Sobre el hombre e Estructura dinámica de la realidad* e a alguns artigos.¹ Partimos da sua concepção de realidade respectiva, dinâmica e sistêmica. A seguir, explicitaremos como o dinamismo da realidade possibilita a substantivação de realidades cada vez mais complexas até ao nível humano, num processo ao qual Zubiri chama *desgajamiento exigitivo*. Por fim, vamos nos concentrar sobre a dessubstanciação da psique realizada pelo autor.

1 El problema del hombre. *Indice de Artes y Letras* 120, p. 3-4, 1959; El hombre, realidad personal. *Revista de Occidente*, 1, p. 5-29, 1963; El origen del hombre. *Revista de Occidente*, 17, p. 146-173, 1964; Notas sobre la Inteligencia humana. *Asclepio*, 18-19, p. 341-353, 1967-1968; El hombre y su cuerpo. *Asclepio*, 25, p. 479-486, 1974; Respectividad de lo real. *Realitas. III-IV*, 1976-1979, Madrid: SEP/Labor, 1979, p. 13-43.

2. O DINAMISMO DA REALIDADE

Para Zubiri, a realidade é devir por si mesma em respectividade; o seu dinamismo se constitui nesta respectividade (cf. EDR, 302). Disso deriva que “cada una de las realidades comprendidas en el mundo está en constitutiva respectividad dinámica por el mero hecho de formar parte del mundo” (EDR, 272). Há diferentes graus – desde a ação e reação da matéria até à doação em amor – mas o dinamismo é sempre o mesmo: o dinamismo da realidade (cf. 302). Isto significa que o mundo não está dinâmico, mas é dinamismo (Cf. EDR, 63, 314, 317), não de modo consecutivo (como conseqüência de uma realidade extrínseca que a ponha em movimento), mas de modo constitutivo. Mas significa, também, que todos os sistemas substantivos são formalmente dinâmicos. Suas notas são ativas em si mesmas e por si mesmas.

A realidade é um “de suyo”² que “da de sí”, ou seja, a realidade “de suyo da de sí”. Segundo Diego Gracia, “de suyo” e “dar de sí” “son dos perspectivas o momentos de la estructura de la realidad, la estática y la dinámica”.³

Comecemos pelo momento dinâmico. O dinamismo da realidade é radicalmente constituído pelo “dar de sí” (cf. EDR, 99, 121, 158, 309). O dinamismo não é outra coisa senão a realidade em seu constitutivo dar de si (cf. EDR, 62,63), é o “carácter de la realidad activa por sí misma que consiste en dar de sí” (EDR, 293), é “el dar de sí de la estructura” (ETM, 444). Portanto:

Toda realidad *qua* realidad es, en efecto, dinámica no sólo en sí misma (cosa obvia) sino, según pienso, *por sí* misma. Dinamicidad no es ni acción ni operación; es, a mi modo de ver, lo que he llamado “dar de sí”. [...] La dinamicidad no es consecutiva a la realidad como pueda serlo la acción o la operación, sino que es un momento constitutivo de ella, de su constitución formal en tanto que realidad” (HD, 168).

Dar de si é um momento intrínseco e formal da realidade, não é algo diferente da própria realidade, mas aquele momento ativo que lhe compete precisamente por ser “de suyo” (cf. EDR, 61; HD 168, 312) e por ser respectiva (cf. EDR, 100). Dar de si é um caráter da essência.

2 “De suyo”, indica o caráter de “la cosa antes de la presentación”, ou seja, antes de sua apreensão na inteligência. A coisa se atualiza na inteligência como sendo *de suyo* antes de estar-nos presente. (Cf. SE 394-395).

3 Cf. GRACIA, D., *Voluntad de verdad. Para leer a Zubiri*. Barcelona: Labor, 1986, p. 183.

Dar de si é constitutivo da substantividade porque cabe à essência constitutiva. Certamente a essência não é um momento ativo, “la esencia está en el momento de realidad y no en el de devenir” (SE, 55). Entretanto, as notas essenciais são ativas por si mesmas, de modo que a essência dá de si a sua própria constituição: “El dinamismo no se comporta respecto de la esencia como una consecuencia respecto de su principio. El dinamismo no es sino la esencia misma dando de si lo que ella constitutivamente es” (EDR, 316).

A índole do dar de si se articula como capacidade e exigência. Em primeiro lugar, dar de si é um “poder dar de si” (EDR, 316), onde poder não significa potência, mas uma capacidade prévia. A expressão “dar de si” aparece pela primeira vez em *Sobre la esencia* justamente com esta conotação de capacidade.⁴

Entretanto, o dar de si reveste também um caráter exigitivo, pois as realidades têm de dar de si para ser o que são (cf. EDR, 130). Neste sentido, “dar de si es un salir de sí (SH, 499), é um momento ativo. O “sí” do dar de si é o próprio “de suyo” como essência (cf. EDR, 100, 184; ETM 489).

O dar de si é essencial para entender a evolução, a qual “no consiste en otra cosa sino en dar de sí” (EDR, 185). De fato, na segunda vez que a expressão “dar de si” aparece em *Sobre la esencia*, quase imperceptivelmente, é num contexto claramente vinculado à evolução biológica que leva ao aparecimento do homem na escala zoológica. Isto é, no esclarecimento do que significa “desgajamiento exigitivo” de algumas funções por outras.⁵ A composição química animal “pode” (capacidade) e “tem de” (exigência) dar de si, para a sua plena realização, a inteligência como fator de estabilização biológica. Nas palavras do próprio Zubiri:

[En el animal superior] la estructura misma del quimismo está intrínsecamente constituida sólo siendo exigencialmente “de” la racionalidad. Y para entenderlo bien añadía que me refiero a las notas en la plenitud’ de su talidad; es decir, no me refiero al simple mecanismo químico, sino al quimismo considerado como una serie de procesos en equilibrio dinámico y reversible, esto es, al

4 “En cuanto son descubridoras de todo lo que insondablemente es o puede dar de sí, la cosa misma queda actualizada en las notas en un respecto muy determinado: como cosa dotada de ‘riqueza interna’” (SE, 128).

5 Em 1965, a expressão “dar de si” passa inadvertida a I. Ellacuría ao elaborar os seus conhecidos *Índices* (cf. ELLACURÍA, I. *Sobre la esencia de Xavier Zubiri. Índices*. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1965). O fato de a noção não ter sido detectada indica que a sua presença é demasiadamente exígua na produção escrita de Zubiri até esse momento, mas não que já não esteja presente em seu pensamento.

quimismo en lo que puede y tiene que dar de sí químicamente en la línea de la estabilidad biológica (SE, 362).

Diante das observações precedentes cabe dizer que a noção “dar de sí” foi ganhando envergadura metafísica a partir da reflexão sobre a evolução biologicamente considerada, em relação com a origem do homem em particular. Contudo, nas publicações posteriores a *Sobre la esencia* se percebe que o dar de si alcançou o patamar de “a” realidade e reverte sobre a própria evolução como dinamismo estrutural que se explica como um caso relevante do dar de si. A evolução chegará a ser definida como um “dar de sí en formas específicamente nuevas, desde unas sustantividades otras sustantividades distintas, en función intrínseca y determinante de la transformación de las primeras” (EDR, 160; cf. ETM, 527).

Todo o universo está inserido neste processo dinâmico que gerou a progressiva aparição evolutiva de estruturas cada vez mais complexas. Nesse dinâmico *dar de sí*, foram sendo originadas sucessivas complexificações estruturais, de modo que Zubiri (EDR) chega a mencionar diferentes tipos de dinamismos ou de sucessivos “dar de sí” – variação, alteração, estabilidade/identidade e auto-pertença.⁶

A realidade é dinâmica porque é respectiva, porque as coisas têm conexões entre si (localização, distância, sucessão, coexistência, etc.) e atuam em virtude destas relações. Para Zubiri (1979; 1963), a relação é constitutiva do sujeito. As coisas vivas têm, cada qual, uma forma própria de se relacionarem com o real: os vegetais vegetam (nutrem-se); os animais sentem as coisas como “estímulos”; o homem sente as coisas como reais, “realidades”. As coisas, portanto, estão inseridas numa teia de relações; aliás, as coisas só são numa espécie de relacionismo objetivo, segundo o qual “[...] el cosmos sería como un tejido, como una tupida red de hilos, cuyos nudos son lo que llamamos cosas” (Zubiri, 1979, p. 18).

Respectividade também indica “interdependência”. O relacionismo subjetivo consiste na “interdependência” de todos os estados e faculdades mentais do próprio sujeito. Nenhuma das chamadas faculdades pode realizar sua função sem estar formal e intrinsecamente modulada pelos atos de outras faculdades. Segundo ele, “[...] no se da ningún estado mental independientemente de los demás. Cada estado mental es constitutivamente dependiente de los demás”.

6 O termo original empregado, para o qual não há tradução literal, é *suidad*. É o nível de dinamismo da pessoa. A *suidad* “consiste *formal y reduplicativamente* en ser una realidad suya”. (ZUBIRI, X. *Respectividad de lo real. Realitas. III-IV*, 1976-1979, Madrid: SEP/Labor, 1979, p. 13-43, p. 28).

Por outro lado, a realidade também é estrutural, pois está organizada como um conjunto sistêmico de propriedades aditivas (as próprias das notas), organizadas de modo estrutural ou sistêmico (correspondem à estrutura enquanto tal, irreduzíveis à soma das propriedades que compõem a estrutura). Em Zubiri (EDR), a idéia de estrutura contém características semelhantes à idéia de “sistema” própria dos emergentismos. Estrutura “es un acoplamiento de sustancias tal que todas ellas se co-determinan mutuamente”. Portanto, é a própria unidade primária que determina qualquer substantividade. É a “suficiencia de un grupo de notas para constituir algo propio; es la suficiencia en el orden constitucional” (Zubiri, 1963, p. 22). Portanto, toda estrutura (física, biológica, psíquica, conceitual, etc.) é um conjunto sistêmico de propriedades fechado, cíclico e respectivo, que possui suficiência entitativa para existir.

Especifiquemos melhor como estes princípios se verificam na substantividade humana. O sistema substantivo da realidade humana é composto por dois subsistemas – subsistema psíquico e subsistema orgânico. Mas, atenção, em função dos três momentos estruturais que o compõem, todas as propriedades são psico-orgânicas:

- a) Organização: indica que cada propriedade que constitui o sistema da realidade humana possui uma “posição” e uma significação rigorosamente determinadas em relação às demais propriedades no sistema substantivo. “Organización es formalmente la precisa determinación estructural de cada nota, sea físico-química o psíquica, respecto de todas las demás” (Zubiri, 1974, p. 482).
- b) Solidariedade: cada uma das propriedades do sistema, por estar determinada estruturalmente em relação às demais, repercute forçosamente tanto estrutural quanto funcionalmente sobre todas as demais; está em interdependência com elas (cf. Zubiri, 1974, p. 482).
- c) Corporeidade: na organização solidária de suas propriedades, a substantividade possui um corpo, tem presencialidade física (cf. (Zubiri, 1974, p. 483).

Conseqüentemente, todo o orgânico é psíquico e todo o psíquico é orgânico, porque todo o psíquico transcorre organicamente e todo o orgânico transcorre psicologicamente. Uma alteração do subsistema orgânico conduziria a uma alteração da substantividade. Todas as tradicionais dicotomias – corpo e alma, razão e emoção, inteligibilidade e sensibilidade, etc. – ficam superadas, pois “la actividad humana es *unitariamente* psico-orgánica en todos, *absolutamente todos*, sus actos” (Zubiri, 1974, p. 486).

3. RUPTURA EXIGITIVA

Em função de sua organização estrutural, há em cada essência⁷ uma unidade primária que faz com que cada nota que compõe tal essência exija o todo. Para manter a sua unidade, perante a força do dinamismo da realidade, as substantividades precisam liberar, desprender novas propriedades, em novas substantividades mais complexas. É o que Zubiri chama de *desgajamiento exigitivo*. Em outras palavras, à medida que o dinamismo atua sobre uma dada realidade, para que esta mantenha a sua unidade primária, precisa desprender, separar, fazer emergir uma nova função: “En la actividad de los seres vivos, llega un momento en que una función no puede ser ni seguir siendo lo que ella misma es sino haciendo que entren en acción otros tipos de función” (SH, p. 363). Portanto, o *desgajamiento exigitivo* possui dois aspectos: 1º) A nova função “desprendida” estabiliza a função “que desprende”; 2º) Ao mesmo tempo, a função “que desprende” liberou a função superior. A unidade de ambas reside no fato de a função superior não só ser exigida pela inferior, como também estar sendo sustentada por ela, justamente por aquilo que nesta função inferior exige a função superior, ou seja, pela *subtensión dinámica*.

De acordo com a concepção zubiriana, a realidade é um conjunto de níveis respectivos com qualidades e propriedades diferentes. Porém, diferentemente das teorias reducionistas, para Zubiri se dá uma novidade radical na aparição de um novo nível emergido. Podemos dizer que o novo nível estrutural contém, em relação ao anterior, do qual surgiu e no qual se apóia, três características específicas:

- a) O nível de realidade que surgiu é, em primeiro lugar, novo, porque possui propriedades e características novas, mesmo não sendo uma novidade total e radical, já que as propriedades dos níveis evolutivos anteriores perduram nela em *subtensión dinámica*. O novo nível de realidade “conserva transformando” (1964, p. 171) o seu estado anterior.
- b) É, em segundo lugar, imprevisível, pois o mais acabado conhecimento da estrutura evolutiva imediatamente anterior a ela não permitiria prever sua aparição. Trata-se, portanto, de um tipo de racionalidade retrospectiva, e não prospectiva, de modo que só *a posteriori*, quando já aconteceu,

7 Essência é “aquello que hace que lo real sea ‘tal’ como es” (SH, p. 357), isto é, “el grupo de notas necesarias y suficientes para formar sistema por sí mismas” (SH, p. 359-360). As notas sempre pertencem a uma essência de um modo peculiar e esta “peculiaridade” é o que constitui o seu ser “tal”. No entanto, não só as notas, como também a própria unidade é “tal”.

somos capazes de estabelecer a relação física, lógica e ontológica entre os níveis de realidade.

- c) E, em terceiro lugar, irredutível aos níveis anteriores, tanto em seu aspecto ontológico quanto epistemológico. Isso supõe que as leis segundo as quais o novo nível ou estrutura está se organizando é de natureza diferente. Para ter acesso a ele será sempre preciso ampliar ou modificar a nossa ontologia; por outro lado, o novo será objeto de um novo tipo de saber.

Tomemos como exemplo a racionalidade do homem. Chega um momento em que o homem não pode manter seu funcionamento bioquímico “normal” senão encarregando-se da situação como “realidade”. Assim, “la actividad bioquímica ha desgajado en el animal superior la actividad perceptiva, y en el hombre la actividad intelectual” (SH, p. 364). É um *desgajamiento* porque a atividade intelectual não é de índole bioquímica. E é *exigitiva* porque a atividade bioquímica não pode, em certos casos, continuar sendo “tal” como é quimicamente, a não ser exigindo “a partir de la misma” a atividade perceptiva, ou a intelectual, ou ambas conjuntamente. Em outras palavras, as “próprias” estruturas bioquímicas do ser humano exigem “para su própria viabilidad” (1964, p. 167), o uso da inteligência, isto é, a atuação da psique intelectual. O homem, para estabilizar a sua composição química, usa a sua inteligência não só porque a possui como um recurso, mas “está tendo de” recorrer a ela porque o que “é” como vegetativo e como sensitivo o é em “exigência entitativa” de sua inteligência. Zubiri defende que: “La esencia del hombre en su esencia individual *qua* esencia no es ‘tal’ porque ‘tiene’ quimismo, sensibilidad e inteligencia, sino porque su quimismo *qua* quimismo ‘es’ constructamente intelectual” (SH, p. 365). Há uma unidade primária na realidade constructa do homem, que constitui uma exigibilidade entre as propriedades que compõem esta unidade. É uma unidade de propriedades físicas que se co-limitam, uma totalidade co-limitada em suas propriedades (cf. SH, p. 367).

Ressaltamos que as estruturas bioquímicas não são mera “causa dispositiva”, ou seja, materiais dispostos a receberem uma estrutura psíquica, mas “causa exigitiva” da psique humana. Quer dizer que:

Esta psique no es sólo una psique de este *cuerpo*, sino que es una psique que por estar exigida por este *cuerpo* ha de tener como momento esencial suyo el tipo de *psiquismo sensitivo* que este *cuerpo* determina por sí mismo. A su vez, la psique intelectual es desde sí misma exigitiva de un *cuerpo*; y no de un *cuerpo* cualquiera, sino precisamente de este *cuerpo* con este tipo de estructura, y por tanto con este determinado tipo de *psiquismo animal*. (1964, p. 167).

Portanto, conclui Zubiri (1964, p. 170), a criação de uma psique intelectual não será um acréscimo, mas o cumprimento de uma exigência biológica. Não pode haver uma psique humana de um equinodermo ou de uma ave transformados; somente de um *homo sapiens*, porque é esta estrutura bioquímica que exige esta psique e não outra. A psique está criada a partir das estruturas biológicas, “*brota desde el fondo de la vida misma, porque la causalidad exigitiva de las estructuras somáticas es una exigencia intrínseca*”. Logo, está completamente determinada em seu primeiro estado pelas estruturas somáticas transmitidas pelos pais.

4. A RUPTURA EXIGITIVA QUE ORIGINA O HUMANO

O nível mais elevado do processo evolutivo é constituído pela realidade humana, que está dotada pelo dinamismo da *suidad*, à medida que a realidade humana não só é, como qualquer outra, uma realidade *de suyo*, mas também é uma realidade “sua”, dada a si mesma de modo duplicativo. É o que faz com que esta realidade seja “pessoa”, considerando que a estrutura de sua realidade é uma estrutura “aberta”, necessitada de realizar-se por meio da apropriação livre de realidades (SH).

A emergência ou salto qualitativo do humano, conseqüência da dinamicidade estrutural da realidade, é a emergência de uma realidade nova, uma realidade psico-orgânica, possibilitada em três níveis ou aspectos:

- a) No aspecto filogenético, o salto evolutivo que origina o primeiro homem se produz por meio das mutações genéticas. Apesar das enormes inovações que tal mutação supôs, as mutações originárias foram pequenas, mas foram o início de um processo evolutivo que levou até ao homem atual.
- b) No aspecto ontogenético se dá a transmissão do conseguido por cada indivíduo humano em seu momento a toda a espécie.
- c) O aspecto psicológico faz referência à conjugação do psico-orgânico no indivíduo adulto. A psique é uma subestrutura da estrutura total do ser humano, isto é, a estrutura dinâmica da realidade humana.

Com a emergência desta estrutura psico-orgânica do humano, ocorreu um salto qualitativo, ainda que se deva reconhecê-la preludiada no rudimento de auto-consciência existente no chimpanzé, visto que este se reconhece num espelho. Como em todo salto evolutivo, também aqui, entre a psique humana e a animal, se dá uma certa relação e uma ruptura, produzindo-se uma certa analogia.

Contrariamente aos neurólogos que afirmam ser o cérebro, dentro do corpo, o órgão fundamental da psique, à medida que sabemos ser o cérebro quem produz e sustenta a atividade psíquica e o comportamento, Zubiri (1963, p. 25-26) sustenta que “el psiquismo no se adscribe exclusivamente al cerebro ni tan siquiera al sistema nervioso”. Não há atos puramente físicos e atos puramente psíquicos, ainda que alguns sejam preponderantemente psíquicos e outros, preponderantemente orgânicos. Os atos físicos, bem como os atos psíquicos, também não estão adscritos a alguma região específica do organismo. Simplesmente, tanto uns quanto outros são co-extensivos à totalidade de estruturas e processos biológicos. Por isso, cada um deles exigirá um saber epistemológico diferente: os primeiros serão objeto da psicologia e os segundos, dos saberes fisiológicos e biológicos. Mas o sujeito, seja de uns, seja de outros, sempre será uma unidade dinâmica. Entre corpo e psique há

[...] una «relación» de co-determinación mutua en unidad coherencial primaria, esto es, hay unidad de estructura, no unidad de sustancia. [...] la *psyché* es algo que desde sí misma, por su intrínseca índole está entitativamente (es decir, en el orden constitutivo) vertida a un cuerpo. [...] El alma es, pues, estructuralmente ‘corpórea’. (1963, p. 25).

Zubiri compreende o cérebro como um conjunto sistêmico de neurônios organizados em subsistemas. É o órgão que controla as diferentes funções do resto do corpo. Os centros que comandam as diversas funções fisiológicas e sensoriais situam-se em suas diferentes partes referidas respectivamente ao todo. Cada neurônio e cada subsistema é parte do todo sistêmico e suas diferentes funções e propriedades estão controladas pelo sistema total. Por outro lado, segundo o autor, as funções mais específicas do ser humano, como o pensamento, a autoconsciência, a liberdade e a criação intelectual e artística não seriam causadas e controladas por uma parte concreta do cérebro, mas pelo sistema global. Mas isto não significa, no entanto, que uma área específica responsável pela execução de uma determinada função não necessite do todo, nem que, por outro lado, o todo não necessite do apoio das diferentes partes. As dimensões estão co-implicadas.

Portanto, o conjunto sistêmico do cérebro e da realidade humana não pode ser reduzir à mera soma ou combinação das funções de suas diferentes partes ou subsistemas. O sistema no seu todo é o sujeito das características específicas do ser humano. Assim, Zubiri não designa esta estrutura dinâmica, a psique, de “alma”, por causa das conotações dualistas que o termo possui, entendendo a psique não como uma realidade substantiva diferente da substância corpórea, mas como a estrutura do somático.

Resta-nos, por fim, enfrentar a questão do estatuto ontológico desta estrutura dinâmica. Esta é uma das pedras de toque da filosofia da mente anglo-americana e da atual concepção do universo, como consequência da nova idéia de matéria demonstrada pela mecânica quântica e pela teoria da relatividade. No âmbito da metafísica ocidental estamos acostumados a usar dois modos de realidade: a matéria e o espírito. A realidade do espírito e as soluções dualistas são sustentadas por uma visão do mundo baseada numa concepção fechada, determinista, materialista e, em algumas ocasiões, fisicalista.⁸ Em suma, partindo desta visão reducionista da realidade só se deve fazer referência a dois tipos de realidade – a matéria e o espírito – mas é evidente que, para Zubiri, a mente humana não é nem matéria nem espírito (no sentido de uma substância autônoma à margem da física).

Portanto, é preciso realizar uma ampliação da metafísica que aceite uma descrição da realidade em outras chaves e não limitada à dicotomia matéria-espírito. Enquanto a mente humana não criar outros conceitos para aceder ao real, a estrutura física não deixará de ser enigmática. “Enigma” não significa aqui algo que transcenda às respostas científicas e filosóficas, mas a manifestação de toda a estrutura física e o próprio processo emergente ou constitutivo de uma nova estrutura. Daí que Zubiri (SE, p. 468; EDR, p. 205ss) designe como “elevação” (*elevación*) ao salto qualitativo que supõe o aparecimento do humano.

Zubiri apela a uma categoria nova para indicar a natureza específica desta emergência, visto que os saltos evolutivos anteriores se situaram no âmbito evolutivo da mera complexificação da própria matéria, ao passo que, no salto humano, a matéria viva produz *a partir de si*, mas não *por si*, a nova realidade humana, à medida que agora está dotada de inteligência senciente (*inteligencia sentiente*).

A incapacidade de a matéria inteligir por si mesma leva Zubiri a considerar que, neste novo salto qualitativo, se ultrapassou a capacidade dinâmica da matéria viva que só é capaz de subentender dinamicamente a capacidade intelectual do ser humano. É o cosmos que potencializa a matéria viva para que faça brotar a partir de si uma realidade inteligente. Não se trata de um *Deus ex machina*, mas do cosmos, enquanto estrutura total do que existe, que está dotado da potencialidade e do *plus* de capacidade que toda estrutura possui sobre cada uma de suas notas ou partes.

8 Cf. BARBOUR, I., *Religión y ciencia*. Madrid: Trotta, 2004, p. 463ss, onde se apresentam, de modo comparativo, as diferentes características da visão do mundo próprias da concepção medieval, da concepção newtoniana e da concepção do século XX.

5. A DE-SUBSTANTIVAÇÃO DA PSIQUE

Contra-pondo-se à substantivação da consciência, operada pelos Modernos, para Zubiri, não se pode falar da consciência, pois ela carece de substantividade, isto é, não possui a suficiência constitucional. Afirma: “[...] la conciencia no tiene sustantividad ninguna; y ello no porque sea sólo un acto, sino porque ni tan siquiera es acto, sino tan sólo carácter de algunos actos, de los concientes” (SH, p. 436-437). A consciência não consiste formalmente em “ser-intenção-de”, como afirmava a Fenomenologia de Husserl, mas em ser “atualização” do seu objeto. A intenção é um modo de atualizar. Ser intencional não exclui o ser realidade, mas remete formalmente ao que o objeto é, independentemente da consciência e de seu sentido. Trata-se de algo físico. Logo, há uma prioridade da realidade em relação ao momento de sua atualização intelectual. Fica evidente a funcionalidade da realidade na constituição da consciência.

A consciência é algo que pertence à própria estrutura do homem, é constituinte do ser humano. Portanto, se quiséssemos separar a consciência, o que restaria não seria unicamente um organismo animal. Precisaríamos, entre outras coisas, modificar as estruturas cerebrais de uma forma precisa, de acordo com o animal que quiséssemos obter, porque não podemos obter um “animal sin más”, mas somente um cachorro, um cavalo, um chimpanzé, etc... “El animal no es un homúnculo ni tan siquiera orgánicamente”, declara Zubiri (SH, p. 154). Pela mesma razão, um homem não resulta do acréscimo das notas que lhe são específicas às estruturas de tal ou qual animal num *phylum* determinado, mas o seu acréscimo às estruturas de um animal cujas estruturas cerebrais tenham sofrido uma evolução estrutural precisa. Sem isso, o agrupamento de animalidade e humanidade careceria de suficiência constitucional e, portanto, de realidade substantiva.

A humanidade está essencialmente aberta em sua estrutura. Significa que os seres humanos não são essências apenas “en sí [e] nada más, [mas] en su manera misma de ser en sí son abiertas a su carácter de realidad *qua* realidad, y por tanto son abiertas, en principio, a todo lo real en cuanto tal” (SH, p. 500). Considerar a essência do humano algo “em si” foi o erro de todos os subjetivismos. Pelo contrário, “la esencia intelectual (humana) no es de suyo algo sólo en sí, puesto consecutivamente en relación con otras realidades, sino que su apertura pertenece constitutiva y formalmente a su propia realidad en sí. La esencia intelectual es de suyo ‘abierta en sí misma’” (SH, p. 502).

É uma realidade aberta a todas as realidades circundantes e, diferentemente das demais realidades, é uma realidade que se pertence a si mesma. A essência fechada é sua apenas “materialmente”, mas a essência aberta se pertence a si

mesma de um modo peculiar. A essência aberta é sua formal e duplicativamente, isto é, “no solo se pertenece a sí misma, sino que tiene ese modo peculiar de pertenecerse que es poseerse en su propio y formal carácter de realidad, en su propio ‘ser suyo’” (SH, p. 504). Isto significa que cada propriedade (a consciência inclusa) e todas as propriedades em conjunto da realidade humana, na sua própria estrutura enquanto tal, está *vertida a*, está dirigida para: “no hay cesura ninguna en la serie biológica. En el hombre, todo lo biológico es mental, y todo lo mental es biológico” (1963, p. 19).

6. CONCLUSÃO

A) POTENCIALIDADES DO ESTRUTURISMO DINÂMICO DE ZUBIRI

A postura de Zubiri, ainda que pretenda se desvencilhar dos diversos emergentismos, pensamos que é integrante deste modelo. Coincide com ele na sua visão dinâmica e evolutiva da realidade e na definição da psique ou da mente como a estrutura dinâmica do corpo humano. A sua teoria se apóia numa metafísica e numa antropologia conceitualmente completas e precisas. É um materialista aberto, evolucionista, configurado por uma pluralidade de níveis de realidade, irreduzíveis entre si. Deste modo, se distancia tanto dos diferentes dualismos quanto dos materialismos fisicalistas e reducionistas.

Um dos aspectos mais interessantes da abordagem zubiriana é a clareza com que situa o estatuto ontológico da psique enquanto estrutura, não reduzindo-a a um conjunto de propriedades do cérebro, mas atribuindo-lhe um estatuto autônomo em relação a qualquer tipo de matéria. O que fica claro também em Zubiri é o seu esforço para diferenciar qualitativamente o ser humano das demais realidades intra-mundanas. Ainda que reconheça a proximidade do ser humano com os demais animais, destaca a diferença qualitativa, apoiando-se na diferença entre o comportamento próprio do animal (sentir) e o humano (inteligir). Isto é, se a realidade animal se dá formalmente em estímulos, a realidade humana se dá em realidades. Por isso Zubiri não considera pertinente falar de “inteligência artificial”, nem de “inteligência animal”. Os únicos animais propriamente “inteligentes” são os humanos.

Zubiri parte de uma concepção dinâmica e evolutiva da realidade, dinamismo que abarca a totalidade da realidade, em todas as suas fases históricas. Assim, a partir da matéria não viva surgirá, num momento determinado e em passos sucessivos, a vida, a mente animal e a mente humana autoconsciente. Isto supõe uma realidade configurada por diferentes estados ou níveis de complexificação, de

tal modo que o nível inferior é condição de possibilidade do nível superior, porém não se reduz a ele.

O emergentismo sistêmico de Zubiri é um anti-reduccionismo epistemológico. Em outras palavras, a emergência de novos níveis de realidade supõe o aparecimento de propriedades, leis e modos novos de atuação, que exigem novas disciplinas científicas (física, biologia, psicologia).

Ontologicamente, Zubiri mantém uma postura aberta inclinando-se a superar a noção tradicional de matéria e a propor uma idéia de realidade configurada por uma pluralidade de níveis ontológicos. Fica, portanto, a questão de se a realidade última continua sendo a matéria ou se, pelo contrário, a matéria é mais um estado da realidade e teremos de, conseqüentemente, buscar outro conceito mais adequado.

A psique consiste numa nova estruturação ou sistematização do cérebro e da realidade humana, produto do dinamismo evolutivo da vida. Zubiri insiste em distinguir entre o “nível sistêmico” do cérebro e o âmbito dos “componentes”, sejam neurônios ou subsistemas cerebrais. O nível sistêmico é o que possui as propriedades emergentes específicas da mente humana, enquanto que o nível das partes possui as propriedades resultantes específicas de cada neurônio ou subsistema cerebral correspondente. Assim sendo, o problema das relações mente-corpo não deve ser entendido como a interação entre duas realidades ontológicas diferentes, mas como a relação entre o sistema cerebral e suas diferentes partes ou subsistemas. Assim, respeita-se a autonomia das leis das ciências neurofisiológicas, sem ter que se valer de intervenções estranhas de outro tipo de realidade, a alma. Fica superado tanto o dualismo quanto o epifenomenalismo e as teorias da identidade.

Sua proposta é uma mera hipótese, que precisa ser provada num amplo processo investigativo, no qual devem intervir a ciência e a fenomenologia, pois o preenchimento do “hiato explicativo” (*explanatory gap*) entre o nível objetivo do funcionamento cerebral e a emergência da autoconsciência dependerá tanto de um maior conhecimento do funcionamento do cérebro quanto de uma mais rigorosa análise fenomenológica. Enquanto a ciência deve se limitar à mera descrição do fato emergente, a fenomenologia deve propor uma explicação interpretativa do mesmo. Ressalve-se que a proposta explicativa da fenomenologia nunca poderá ser mostrada; poderá apenas alcançar um certo grau de plausibilidade, sem contradizer os dados das ciências.

Zubiri possui uma motivação “humanista”. Considera que a mente autoconsciente seja um dos elementos que distingue qualitativamente o ser humano das demais espécies vivas e da inteligência artificial. Por um lado, pensa que com as abordagens comportamentalistas, fisicalistas e de certos funcionalistas computa-

cionalistas, torna-se impossível defender um modelo de ser humano no qual se acentue a sua dignidade ética e a diferença qualitativa em relação aos demais seres vivos; e, por outro, considera também não ser necessário apoiar as teses dualistas para sustentar um humanismo que defenda a diferença ontológica e qualitativa do humano.

B) LIMITAÇÕES DO ESTRUTURISMO DINÂMICO DE ZUBIRI

Zubiri descreve como a matéria produz a realidade humana, mas o chamado *hard problem*⁹ ou *explanatory gap*,¹⁰ ou seja, explicar a emergência da auto-consciência e das demais propriedades específicas da mente humana a partir do entendimento do funcionamento do cérebro permanece pendente. Conhecer totalmente o funcionamento do cérebro será suficiente para explicar o fato da consciência e fechar o “hiato”, ou continuará sendo, como defende Zubiri, um enigma, um dos mistérios da realidade humana?

A explicação poderá advir de um enfoque que articule a perspectiva denominada “primeira pessoa” (introspecção) e a perspectiva denominada “terceira pessoa” (enfoque objetivista). Cada uma delas mostrou suas potencialidades, mas também limitações. Por isso, atualmente uma hipótese que abarque ambos os pontos de vista,¹¹ ou também que apele ao estudo da “ação” como âmbito aonde confluem a dimensão objetiva e a intencionalidade do sujeito,¹² revela-se profundamente promissora. A vantagem destas propostas frente aos enfoques introspectivos e objetivistas não consiste unicamente na pretensão de conjugar e completar as potencialidades de ambos os pontos de vista, superando suas limitações, mas também na pretensão de superar os modelos antropológicos individualistas nos quais ambos incorrem. Tanto o ponto de vista subjetivista quanto o objetivista partem da tese de que a mente é uma realidade que pertence a um indivíduo isolado e auto-suficiente, seja qual for a melhor perspectiva de acesso ao mental. Pelo contrário, a perspectiva de segunda pessoa e o enfoque da ação consideram

9 CHALMERS, D. J.. *The Conscious Mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

10 LEVINE, J.. Materialism and qualia: The explanatory gap. *Pacific Philosophical Quarterly* 64:354-61, 1983. Disponível em: <http://www.umass.edu/philosophy/PDF/Levine/Gap.pdf> Acesso em: 15Jun.2008.

11 D. Chalmers é, quiçá, o mais conhecido defensor desta perspectiva, postulando uma correlação (informacional ou estrutural) entre os aspectos objetivos (neurais), descritíveis em terceira pessoa, e os subjetivos (conscientes), somente descritíveis em primeira pessoa.

12 P. RICOEUR possui inúmeros trabalhos situados nesta perspectiva. Veja-se, por exemplo: *Si mismo como otro*. Madrid: Siglo XXI, 1996); *El discurso de la acción*. Madrid: Cátedra, 1988.

a mente como um fenômeno interpessoal e social e, portanto, o modo de acesso à mesma tem de ser por meio do próprio dinamismo da interpessoalidade.

Pensamos que o modelo *estruturismo dinâmico* se enriqueceria sensivelmente se completasse suas teses com os enfoques que o obrigassem a assumir um fundo antropológico de vertente interpessoal e social. Assim, para que a mente humana chegue a se configurar como tal, dever-se-ia ter em conta três elementos ou dimensões complementares: o amadurecimento biológico e cerebral com o qual se dá o salto do pré-humano ao humano; o modo sistêmico de entender a mente como estrutura total do cérebro; e a dimensão interpessoal e social como âmbito a partir de onde a mente e a pessoa surgem e se desenvolvem, pois somente no fogo depurador da sociedade cada pessoa humana chega a se configurar como tal.

EVERALDO CESCÓN